

UM PEQUENO TESOURO MONETÁRIO TARDO-ROMANO DE AROUCA (AVEIRO) (1)

António Manuel S. P. Silva

INTRODUÇÃO

São extremamente escassos os achados numismáticos referenciados na área correspondente ao concelho de Arouca.

Da necrópole romana tardia de Alvariça (Espunça) proveio um numisma de Galieno (2) e segundo Pinho Leal, em 1872 terão sido achadas «entre seis grossos tijolos, várias moedas romanas, de prata e cobre», na altura oferecidas ao Museu Municipal do Porto (3). Um achado nas pedreiras do Monte Curuto (Escariz), há algumas décadas, parece ser composto de exemplares medievais, segundo classificação então feita por Simões Júnior (4). E é este o quadro, bastante pobre, dos achados numismáticos de Arouca.

Naturalmente que esta questão entronca numa outra, que é a da fragilidade dos vestígios da romanização no concelho, consubstanciada para já, com segurança, apenas num cemitério tardo-romano (Alvariça), que forneceu um conjunto de sete

(1) Trabalho realizado no âmbito do Mestrado de Arqueologia na Fac. de Letras da Universidade do Porto. Apresentamos os nossos agradecimentos pela colaboração que nos foi prestada pelo Prof. Doutor Rui M. S. Centeno, bem como por Ana Cristina G. Dias e Sérgio Lira (pesagem e fotografia).

(2) Simões Júnior, Manuel Rodrigues, «Arouca. Subsídios para a sua monografia», in Vergílio Pereira, *Cancioneiro de Arouca*, Porto, 1959. Cremos ser o exemplar que se conserva no Museu de Arqueologia do Seminário Maior do Porto.

(3) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno...*, I, Lisboa, 1873, p. 238GG. O local do achado seria algures entre Mansores e Tropeço (inf. de Alexandrino Teixeira).

(4) Pinho, Miguel Silva *et al.*, *Subsídios para o inventário arqueológico de Escariz de Arouca e Romariz da Feira*, policop. inéd., Porto, s/d.

estelas de xisto epigrafadas ⁽⁵⁾, numa inscrição funerária em Fermedo ⁽⁶⁾, numa árua, anepígrafa, dada como procedente de Espiunca, em alguns fragmentos de *tegulae* ou *dolia* aqui e ali, sem contexto preciso.

Este problema, que aliás constitui um dos pontos axiais de projecto de investigação que temos em curso sobre o povoamento castrejo-romano na região de Arouca, foi já abordado noutros trabalhos ⁽⁷⁾, pelo que nos abstermos por ora de outras considerações.

Do exposto ressalta a importância do conjunto monetário que agora se publica, mesmo considerando a pequena quantidade de exemplares e a ausência de um contexto arqueológico definido relacionável com o tesouro.

CONDIÇÕES DO ACHADO

O conjunto de peças estudado apareceu no ano de 1986, num aterro sanitário situado junto à Estrada Nacional 326-1, que liga Arouca a Alvarenga, a poucos quilómetros da vila.

As moedas encontravam-se numa grande mó manual de granito (Estampa I), incrustadas com uma espécie de argamassa numa reentrância da sua face superior. Aí foram localizadas por um particular ⁽⁸⁾, encontrando-se presentemente o conjunto numismático em posse do Sr. Alexandrino Teixeira, de Arouca ⁽⁹⁾. O achado original compreendia 20 numismas, mas por circunstâncias fortuitas o núcleo acha-se reduzido a 19 exemplares.

⁽⁵⁾ V. Brandão, Domingos de Pinho, *A Epigrafia Latina do Concelho de Arouca e alguns dos seus problemas*, sep. I *Colóquio Português de Arqueologia*, Porto, 1962; *idem*, «Oito inscrições latinas funerárias do concelho de Arouca», *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*, Arouca, 1987.

⁽⁶⁾ Lambrino, Scarlat, *Le nom Aefus et la Cité d'Avobriga en Lusitanie*, sep. do *Bulletin des Études Portugaises*, XXII, Lisboa, 1959-60; Brandão, Domingos de Pinho, *Lápide sepulcral luso-romana de Fermedo-Arouca*, sep. *Lycerna*, I, 1. Porto, 1961; *idem*, *Ainda a inscrição de Fermedo*, sep. de *Lycerna*, I, 2, Porto, 1961.

⁽⁷⁾ Silva, António Manuel dos Santos Pinto, «Notas para o estudo do período castrejo-romano no concelho de Arouca», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (3-4), Porto, 1988; *idem*, «Introdução ao estudo do povoamento castrejo-romano na região de Arouca», *Actas do VI Colóquio Português de Arqueologia* (1987), no prelo.

⁽⁸⁾ Concretamente o Sr. Manuel Pinho, de Arouca.

⁽⁹⁾ Aproveitamos para agradecer a disponibilidade e atenção com que nos foi possibilitado o estudo das moedas. O actual proprietário do conjunto numismático manifestou-nos a firme intenção de doar as 19 peças ao Museu de Arouca, desde que aí se criem as necessárias condições de exposição.

Conforme na altura foi averiguado, a mó era proveniente dos entulhos da demolição da antiga Casa da Aborrida (situada na vila de Arouca, junto ao parque municipal), que por essa época se desmantelou para dar lugar a nova construção.

A grande *mola manuarial* de granito (Est. I) é constituída apenas pelo dormente, que podemos descrever da seguinte forma:

- Elemento dormente de mó de granito de grão médio com polimento irregular, cilíndrico na base e troncocónico na parte superior; lado subvertical levemente convexo e base plana.
- Dimensões gerais: diâmetro de 45.5 cm ⁽¹⁰⁾ e espessura entre 9 (ao centro) e 4.6 (face lateral).
- Ângulo da superfície de moagem: c. 18 graus.
- Orifício subcilíndrico central perfurando verticalmente toda a peça (diâmetro: 7.3).
- Um entalhe rectangular com c. de 14×4 e 0.8 de profundidade intercepta diametralmente na base a perfuração central.
- Na superfície de moagem rasgam-se duas concavidades de secção horizontal oval muito alongada, com as seguintes medidas:
 - concavidade maior (onde se encontravam as moedas): eixo maior com c. de 10.2; largura entre 1.8 e 2.3 e profundidades entre 1.8 e 2.2;
 - concavidade menor: eixo maior com c. de 8; largura entre 1.6 e 2.5 e profundidade média de c. de 1.2.

Este dormente parece constituir um tipo evoluído das mós manuais usadas ao tempo da dominação romana. Como observa Nelson Correia Borges ⁽¹¹⁾, a perfuração completa do dormente serviria, muito possivelmente, para a ligação do veio central a um dispositivo, o «urreiro» ou «arrieiro», que além de ajudar à estabilidade da mó, permitiria ajustar a posição da girante, possibilitando uma maior ou menor granulidade na farinhação.

A mó de Arouca possui também um entalhe rectangular que intercepta na base a perfuração central, o que parece relacionar-se com a fixação do dormente a qualquer superfície rígida. As concavidades existentes na superfície de moagem não são por certo originais. Se bem que seja comum ocorrerem perfurações neste tipo de mós, aparecem normalmente no elemento movente, destinando-se no geral à aplicação de um manípulo para facilitar o movimento giratório da peça. Neste caso, contudo, a irregularidade e a pouca profundidade das concavidades sugerem, antes, terem sido feitas por um motivo que não se prende com a funcionalidade imediata da mó, mas sim precisamente para ocultar o conjunto monetário. De facto, foi no entalhe mais profundo e melhor polido (Est. I, 1) que se acharam as 20 moedas, cobertas e dissimuladas com uma massa plástica endurecida de tom

⁽¹⁰⁾ Pela natural irregularidade da peça as medidas respeitam normalmente a valores médios e, salvo indicação em contrário, são dadas em centímetros.

⁽¹¹⁾ «Mós Manuais de Conimbriga», *Conimbriga*, XVII, Coimbra, 1978, pp. 118-9.

cinza claro ⁽¹²⁾; a concavidade menor, incompletamente rasgada, parece destinada a esconderijo similar, porventura inacabado ou desaproveitado.

Pela forma e dimensões esta *mola manuaría* de Arouca pode talvez integrar-se no tipo D7 proposto por Nelson C. Borges para as mós manuais de Conimbriga ⁽¹³⁾, se bem que com a variante do entalhe de fixação na base.

A localização precisa dos numismas é aqui um dado fundamental, pois traduz uma clara intenção de ocultamento, o que nos permite classificar o conjunto como um pequeno tesouro que, em dado tempo e por circunstâncias que só podemos supor, alguém constituiu, subtraindo à circulação corrente duas dezenas de pequenos bronzes romanos tardios.

Por outro lado, o achado numismático reveste-se de particular importância para a própria datação da mó granítica, sabendo-se das grandes dificuldades de fixação cronológica dos diversos tipos ⁽¹⁴⁾ destes artefactos, dada a sua grande longevidade e variabilidade formal.

COMENTÁRIO

Como ressalta do catálogo, nos numismas deste pequeno tesouro predominam largamente os exemplares cunhados ao tempo dos imperadores *Constantius II* e de seu filho, *Constans*, sendo provenientes de centros emissores ocidentais (especialmente Arles, Trier e Roma) a maior parte das moedas. Constitui aspecto curioso a circunstância de se acharem no conjunto duas falsificações, imitando aliás tipos comuns.

A análise dos intervalos de cunhagem demonstra que praticamente todas as peças foram produzidas entre os finais da década de 30 e os anos 60 do século IV, sendo única excepção o exemplar mais tardio de *Valentinianus II* (n.º 19 do catálogo), datado precisamente do ano de 383 segundo o *LRBC* ⁽¹⁵⁾.

O facto desta moeda se encontrar em melhor estado de conservação se comparada com as restantes, pode indicar que não terá sido dos mais amplos o seu período de circulação, o que, aliado à relativa homogeneidade temporal que releva do conjunto dos numismas, sugere que se tratará de um tesouro ocultado entre os finais do século IV e os inícios da centúria seguinte.

⁽¹²⁾ Fragmentos desta argamassa, bem como a mó, encontram-se na posse do mesmo Sr. Alexandrino Teixeira, de Arouca.

⁽¹³⁾ V. nota 11.

⁽¹⁴⁾ *Idem*.

⁽¹⁵⁾ *LRBC*, II: 2556 (Hill, P. V., J. P. C. Kent e R. A. G. Carson, *Late Roman Bronze Coinage — A.D. 324-498* London, 1965).

Como já fizemos notar, a raridade de achados numismáticos na região dificulta a busca de paralelos. Todavia, o achado de um conjunto de moedas de cobre dentro de um saco de couro, ocorrido há cerca de 50 anos em Santa Cecília, Sobrado, Castelo de Paiva ⁽¹⁶⁾ denota algumas semelhanças com o de Arouca, pois parece tratar-se igualmente de um tesouro relativamente pequeno (se bem que por certo mais numeroso que o nosso) e os imperadores representados aparentam estar em concordância proporcional com os das moedas do achado de Arouca: Constâncio II, Constante, Valentiniano I e Valente. Em contrapartida, assinalam-se no tesouro de Santa Cecília vários exemplares de *ateliers* não registados no de Arouca, como Aquileia ou Siscia. No geral, este achado de Paiva é constituído por moedas «cunhadas em meados do século IV» que «deviam ter circulado nesta região nos fins deste século e princípios do V» ⁽¹⁷⁾.

Assim, e pese embora a distância entre Sobrado de Paiva e Arouca, os dois achados parecem corresponder a actos de entesouramento não muito distintos no tempo, constituindo este tesouro arouquense mais um contributo, ainda que modesto, para o conhecimento da circulação monetária romana da segunda metade do século IV na região interior do Douro Litoral.

⁽¹⁶⁾ A notícia do achado encontra-se em Pinho, Margarida Rosa Moreira, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Coimbra, 1947, pp. 54-57, que não indica o número exacto de moedas aparecidas, agrupando-as apenas em 9 «tipos» de que dá breve descrição seguindo a *Descrição Histórica das Moedas Romanas* de Teixeira de Aragão. Refere-se também a este achado, pouco adiantando de novo, Mário de Castro Hipólito («Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, pp. 48-9).

⁽¹⁷⁾ Margarida Rosa M. Pinho, *op. cit.*, pág. 57.

CATÁLOGO DAS MOEDAS (ESTAMPA II)

A catalogação dos espécimes numismáticos foi feita a partir de *Roman Imperial Coinage* (18), abreviado por *RIC*, como é uso. As moedas estão ordenadas por imperadores, centros emissores e intervalos de cunhagem. É a seguinte a organização dos descritores:

1.^a coluna: n.º de ordem; legenda do anverso; designação; descrição do tipo segundo o *RIC*.

2.^a coluna: legenda do reverso e eventual discriminação do tipo; eixo; peso em gr.; n.º de referência no *RIC*.

3.^a coluna: marca do centro emissor.

CONSTANTIUS II

Treveri, 9 Set. 337 - Março 340

01. FL IVL CO[NSTANS AVG] <i>Nvmmvs</i> (D2)	GLOR - IA EXERC - ITVS (1 est.) 12 1.763 <i>RIC</i> 60	• TRP •
---	---	---------

Arelate, 347-8

02. CONSTANTI - VS P F AVG <i>Nvmmvs</i> (D4)	VICTORIAE DD AVGGQ NN 12 1.179 <i>RIC</i> 83	P SARL
--	---	-----------

03. CONSTANTI - VS P F AVG <i>Nvmmvs</i> (D4)	VICTORIAE DD AVGGQ NN 12 1.349 <i>RIC</i> 90 ou 95	£ PARL[?]
--	---	--------------

Arelate, 18 Ag. 353 - 6 Nov. 355

04. D N CONSTAN - TIVS P F AVG AE3 (D3)	[FEL TEMP R] - EPARATIO 12 2.437 <i>RIC</i> 222	D TCON
--	--	-------------

Arelate, 6 Nov. 355 - Primavera 360

05. D N CONSTAN - TIVS P F AVG AE3 (D3)	SPES REI - PVBLICE 12 2.050 <i>RIC</i> 275	SCON
--	---	------

06. D N CONSTAN - TIVS P F AVG AE3 (D3)	FEL TEMP - [REPARATIO] 12 1.935 <i>RIC</i> 272	M SCON
--	---	-------------

Arelate (?), 6 Nov. 355 - Primavera 360

07. D N CONSTAN - TIVS P F AVG AE3 (D3)	FEL TEMP R - EPARATIO 5 2.771 cfr. <i>RIC</i> 269	M [PCON?]
--	--	----------------

Roma, 6 Nov. 355 - Verão 361

08. D N CONSTAN - TIVS P F AVG AE3 (D3)	FEL TEMP - REPARATIO 7 2.182 <i>RIC</i> 314	R • M • [?]
--	--	-------------

09. [D N CONSTAN] - TIVS P F AVG AE3 (D3)	FEL TEMP - [REPARATIO] 12 2.184 Como <i>RIC</i> 304 (cfr. marca para Juliano, <i>RIC</i> 312)	RP
--	--	----

(18) Sutherland, C. H. V. e R. A. G. Carson (eds.), *The Roman Imperial Coinage* (Kent, J. P. C., Vol. VIII—*The Family of Constantine I. A.D. 337-364*, London, 1981); *idem* e Harold Mattingly (eds.), *The Roman Imperial Coinage* (Pearce, J. W. E., Vol. IX: *Valentinian I—Theodosius I*, London, 1968, reimpr.).

Antiochia, 347-8

10. D N CONSTAN - TIVS P F AVG VOT/XX/MVLT/XXX SMANB
Nvmmvs (H3) 6 1.408 RIC 113

Imitação (*Constantius II*)

11. DIXN CONAN - TIVS P F AVG [FEL TEMP R]EPARATIO
(busto à direita com manto, 6 1.595
couraça e diadema de pérolas)

CONSTANS

Treveri, após Abril 340

12. [CONST]ANS - P F AVG GLORI - A EXER - CITVS (1 est.) M
Nvmmvs (D4) 6 1.523 RIC 111 TRPU

Arelate, 347-8

13. [CONSTANS] - P F AVG [VICTORI]AE DD AVGGQ NN AA
Nvmmvs (D5) 6 1.571 RIC 81 SARL

Nicomedia, 9 Set. 337 - Primavera 340

14. D N CONSTA - NS P F AVG GLOR - [IA] EXER[C - ITVS] (1 est.) SMNT
Nvmmvs (H2) 12 1.649 RIC 12

Imitação (*Constans*)

15. CONSTAN[S - P F] AVG GLORIA - EXER[CITVS] (1 est.) M
(busto à direita com diadema 7 1.401
de rosetas, manto e couraça (?) [?])

IULIANUS (CAESAR)

Thessalonica, 6 Nov. 355 - Verão 361

16. D N CL IVLIAN - VS NOB CAES SPES REI - PVBLICE *|
AE3 (D1) 5 1.830 RIC 216 SMTSε

VALENTIANUS I

Nicomedia, 25 Fev. 364 - 24 Ag. 367

17. D N VALENTINI - ANVS P F AVG SECVRITAS - REI PVBLICAE SMNB
AE3 (A) 6 1.879 RIC 12 (a)

VALENS

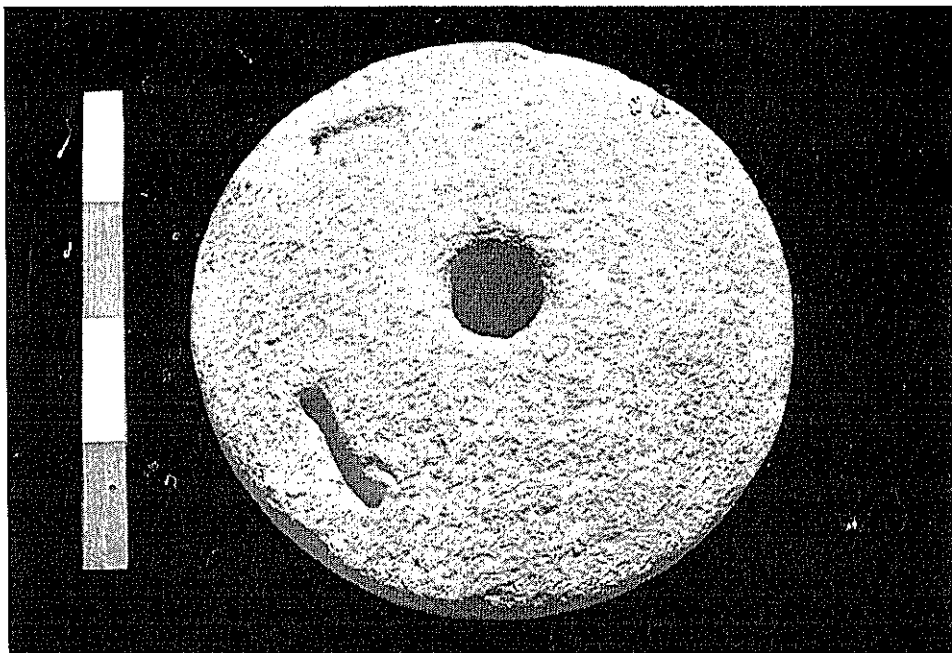
Constantinopolis, 25 Fev. 364 - 24 Ag. 367

18. [D N] VALEN - S P F AVG GLORIA RO - MANORVM CONSP[?]
AE3 (A) 12 2.380 RIC 16 (b)

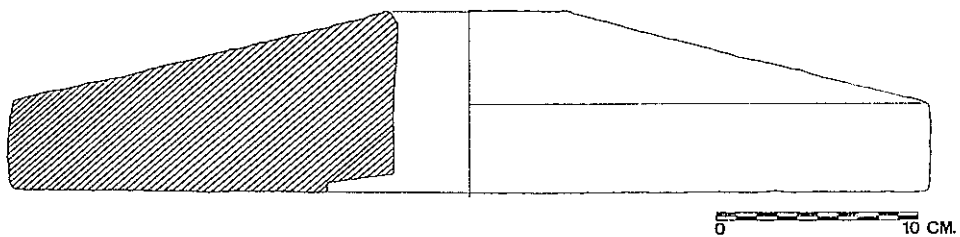
VALENTINIANUS II

Cyzicus, 9 Ag. 378 - 25 Ag. 383

19. D N VALENTINIANVS P F AVG VOT/X/MVLT/XX SMKB
AE4 (A) 7 1.195 RIC 21 (b)



1 — Face superior do dormente granítico, vendo-se na parte inferior a recêntrância onde se encontravam as moedas (escala: 40 cm).



2 — Secção vertical da mó.

